

ISMAIL KADARÉ

O acidente

*Tradução do albanês
Bernardo Joffily
Com a colaboração de
Iliriana Agalliu*



Copyright © 2008 by Librairie Arthème Fayard
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Aksidenti

Capa
Fabio Uehara

Foto de capa
© Adrianna Williams/ Corbis (DC)/ LatinStock

Preparação
Maria Cecília Caropreso

Revisão
Marise Leal
Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kadaré, Ismail
O acidente / Ismail Kadaré ; tradução do albanês Bernardo Joffily ; com a colaboração de Iliriana Agalliu. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Aksidenti
ISBN 978-85-359-1677-5

1. Romance albanês I. Agalliu, Iliriana. II. Título.

10-04856 CDD-891.99135

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura albanesa 891.99135

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAS SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

PRIMEIRA PARTE

1.

O acontecimento parecia dos mais corriqueiros. Um táxi saía da pista no quilômetro 17 da rodovia que levava ao aeroporto. Dois passageiros tinham morrido na hora, enquanto o motorista, gravemente ferido, fora levado ao hospital, em coma.

O boletim de ocorrência da polícia registrava os dados de sempre em casos assim: o nome dos mortos, um homem e uma jovem mulher, os dois de nacionalidade albanesa, o número da placa do táxi, junto com o nome do motorista austríaco, assim como as circunstâncias, ou, mais exatamente, a completa ignorância sobre as circunstâncias do acidente. O táxi não apresentava nenhum sinal de ter freado ou de ter sido atingido. Aproximara-se do acostamento durante o trajeto, como se o condutor do veículo tivesse perdido subitamente a visão, indo cair no barranco.

Um casal de holandeses, que seguia em um carro logo atrás do táxi, testemunhou que, sem nenhum motivo aparente, este saía da pista de repente e despencara no barranco lateral. Apesar do susto, os holandeses tinham chegado a ver não só o voo do táxi sobre o vazio como as portas traseiras se abrindo, por onde os

passageiros tinham sido projetados, um homem e uma mulher, se não se enganavam.

Outra testemunha, o motorista de um caminhão da Euro-mobil, dizia mais ou menos o mesmo.

Um segundo boletim de ocorrência, redigido uma semana mais tarde, no hospital, depois que o motorista voltou a si, em vez de esclarecer deixava tudo ainda mais enevoado. Depois que o chofer dissera que nada de excepcional tinha acontecido na hora do acidente, a não ser... talvez... no retrovisor... algo que talvez tivesse atraído sua atenção... o investigador perdera as estribeiras.

Insistentemente interrogado sobre o que tinha visto no espelho, o taxista não tivera condições de responder. As intervenções do médico, advertindo que não cansassem o paciente, não haviam impedido o agente de prosseguir a investigação. O que teria aparecido no espelho acima do volante, ou, em outras palavras, que acontecimento inusitado ocorrera no banco de trás do táxi que assombrara por completo o taxista? Uma briga entre os passageiros? Ou, ao contrário, extremadas carícias eróticas?

O ferido fazia que não com a cabeça. Nem uma coisa nem outra.

O que aconteceu então, quase gritou o outro. O que te fez perder a cabeça? Que diabo foi?

O médico estava a ponto de intervir de novo, quando o paciente começou a falar, tal como antes, arrastando as palavras. Ao fim da resposta, que parecera extraordinariamente longa, o médico e o investigador se entreolharam. De acordo com o ferido, os dois passageiros do banco de trás... simplesmente.. simplesmente... tinham tentado... se beijar...

2.

Como o depoimento do motorista tivesse sido considerado indigno de crédito, devido ao abalo psíquico sofrido, o dossiê do acidente no quilômetro 17 foi arquivado. O raciocínio era simples: qualquer que fosse a explicação do taxista sobre o que vira ou pensara ter visto pelo retrovisor, ela não modificaria a essência da questão: o táxi se desgovernara em consequência de algo ocorrido em seu cérebro: súbita confusão, alucinação ou perda de consciência, algo que seria difícil atribuir aos passageiros.

A identidade deles constava, como de hábito, junto com outros detalhes. Ele, analista, colaborador do Conselho da Europa sobre questões dos Balcãs Ocidentais; ela, jovem, bela, estagiária no Instituto Arqueológico de Viena. Ao que parecia, namorados. O táxi fora chamado pela recepção do hotel Miramax, onde as vítimas tinham passado as duas últimas noites. O relatório da perícia técnica eliminava a hipótese de sabotagem.

Em um último esforço para achar alguma contradição no depoimento do taxista, o investigador fizera uma pergunta oportunista: O que acontecera com os passageiros depois do choque com

o solo? De acordo com a resposta, ele próprio chegara ao barranco sozinho, pois os dois, tendo saído do táxi pelos ares, haviam, por assim dizer, se separado dele; dava a impressão de que ao menos não mentia no relato do que vira ou achava ter visto.

Embora banal à primeira vista, o relatório foi parar na seção dos “acidentes atípicos”, por causa do insólito depoimento do taxista.

Por esse motivo, meses mais tarde uma cópia dele foi parar no Instituto Rodoviário da Europa, no quarto setor, que trata de acidentes raros.

Ainda que a qualificação “raros” desse a entender que eles não passavam de um punhado, em comparação com os desastres habituais, causados involuntariamente por mau tempo, excesso de velocidade, cansaço, bebida, drogas etc., etc., mesmo assim esses acidentes atípicos surpreendiam por sua variedade. Iam desde batidas homicidas e casos de sabotagem dos freios até inesperadas alucinações do motorista, cuja crônica compreendia os casos mais incríveis.

Uma parte deles, a mais misteriosa, tinha a ver com os reprovadores internos. Esses casos constituíam um capítulo à parte. Subentende-se que aquilo que o motorista vira no espelho fora algo chocante a ponto de causar o desastre. No caso dos condutores de táxi, uma das ocorrências mais frequentes era o passageiro ameaçá-lo com uma arma. Não eram poucos os abalos relacionados com enfermidades: colapsos, pressão alta, acessos de delírio acompanhados de gritos. Brigas repentinas, até com facadas trocadas pelos passageiros, mesmo não sendo tão excepcionais, podiam ter o poder de distrair um motorista inexperiente. Mais raros eram os casos em que um dos passageiros, em geral uma mulher que entrara no táxi minutos antes, amorosamente abraçada ao seu querido, de repente gritava que estava sendo seqüestrada e tratava de abrir a porta para sair. Não faltavam sequer casos

como aqueles em que o motorista reconhecia na cliente o seu primeiro amor, que o abandonara, embora tais casos se pudesse contar nos dedos.

Ainda que a maior parte dessas ocorrências à primeira vista misteriosas acabasse sendo explicada, isso nem de longe significava que todas as aparições refletidas nos retrovisores tivessem sido elucidadas.

Afora as alucinações, incluíam-se aqui casos conexos, como os de hipnotismo por meio do olhar do passageiro, de fulminante embriaguez por causa dos olhos provocantes de uma cliente, ou seu inverso, a impressão de ser sugado por um vazio assustador como um buraco negro.

O testemunho que o taxista prestara depois do acidente no quilômetro 17 da estrada para o aeroporto, apesar de parecer trivial demais para ser chamado de alucinação, ainda assim carecia de uma explicação lógica. Um ensaio de beijo entre dois clientes, que segundo o motorista fora o incidente que o distraíra, acarretando a morte deles, era algo que insistia em escapar entre os dedos, por mais que se tentasse agarrar.

Os analistas que se ocuparam do acidente primeiro tinham balançado a cabeça, depois mordido os lábios e a seguir sorrido cheios de malícia, antes de terem ataques de nervos e retomarem tudo desde o início.

O que queria dizer aquele “tentaram se beijar”? Soava forçado, ofendia até a linguística, para não falar da lógica. Pode-se entender que alguém queira beijar outra pessoa e ela não queira. Pode-se entender que um dos dois hesite, que os dois hesitem por medo de um terceiro, e assim por diante. Mas que os dois sozinhos no táxi, apenas na presença do motorista, tenham “tentado se beijar”, “*sie versuchten gerade sich zu küsself*”,* como especi-

* Em alemão no original (N. T.)

ficava o boletim de ocorrência, era um completo despropósito. As interrogações surgiam naturalmente: se eles acabavam de sair de um hotel onde tinham passado a noite, por que “tentaram se beijar”? Em outras palavras: se queriam um beijo, por que não se beijaram logo e ficaram naquela enrolação? O que os impediou?

Quanto mais se tentava entender, mais incompreensível aquilo parecia. Admitindo que as vítimas tivessem encontrado um obstáculo à aproximação delas, por que aquilo chocara tanto o taxista? Por acaso seriam raros os casais que se beijavam ou até faziam amor no banco de trás de um táxi? Além do mais, como o motorista tinha detectado uma coisa tão sutil como uma tentativa, um desejo, e ainda por cima acompanhados de um empeçilho secreto à consumação do beijo?

Irritados, os analistas, depois de recordarem o provérbio “A pedra que um tolo joga no rio quarenta sábios não tiram”, haviam assinalado à margem que talvez se tratasse do velho motivo da cliente reconhecida como sendo a ex-mulher ou a ex-namorada de outros tempos, frequentemente alegado por jovens taxistas e transmitido como uma lenda pelos mais velhos de boca em boca; então seria um tipo de distúrbio mental bem estabelecido, que nem mereceria tamanha dor de cabeça.

Entretanto, depois que se verificaram e se descartaram todas as possíveis ligações do taxista com a passageira de nacionalidade albanesa, um relatório médico atestou que o estado psíquico do sobrevivente era absolutamente normal.